Globethics Repository



Porque não somos todas feministas? [Why aren’ t we all feminists?]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Saldanha, Marilia;Kochenborger Scarparo, Helena Beatriz;Neves Strey, Marlene
Publisher	Editora UnilaSalle
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-14 09:45:46
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/224217

UnilaSalle Editora

DIÁLOGO (ISSN 2238-9024)
http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo
Canoas, n. 22, abr. 2013

PORQUE NÃO SOMOS TODAS FEMINISTAS?

Marilia Saldanha[1]
Helena Beatriz Kochenborger Scarparo[2]
Marlene Neves Strey[3]

Artigo recebido em: 14/01/2013 | Aceito em: 01/03/2013

Resumo

Neste trabalho propomos partir da interrogação contida no título, para investigar a relação das mulheres contemporâneas com o(s) feminismo(s). Desenvolvemos nosso texto buscando compreender os preconceitos e os estereótipos que cercamnão somente esse movimento social e político,mas também as ativistas e as psicólogas feministas. Para tal utilizamos a revisão não sistemática da literatura, a perspectiva feminista e as problematizações formuladas por pensadoras que circundaram esta temática.

Palavras chave: feminismo, psicologia feminista, preconceito, feministas

WHY AREN'T WE ALL FEMINISTS?

Abstract

This paper intends to start from the title question to investigate the relationship of contemporary women with the feminisms. We developed this text in order to understand the prejudices and stereotypes that surround this political and social movement, as well the activists and the feminist psychologists. We used the non systematic literature review, the feminist perspective and the problematizations formulated by thinkers interested in this theme.

Keywords: feminism, feminist psychology, prejudice, feminists

[1] Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica; Psicóloga do Centro de Referência para Mulheres Vítimas de Violência Patrícia Esber em Canoas. E-mail:<mariliasaldanha@yahoo.com.br>
[2] Psicóloga, Mestre em Educação e Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail:<scarparo@pucrs.br>
[3] Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail:<streymn@pucrs.br>

Teia
Para nos tornarmos mulher: Beauvoir na veia.
Para desmistificarmos *quem sou?* Betty Friedan.
Para questionarmos o poder no lar: Kate Millet.
Para lutarmos pelas negras: Lélia Gonzalez.
Para sairmos dos armários: Butler.
Para revermos o tal do instinto materno: Badinter.
Para entrarmos na onda: feminismos.
Pelas nossas brasileiras: Rosiska Darcy de Oliveira.
Tochas nas mãos em marcha pacífica
ao som dos passos em uníssono,
flamulam nossas bandeiras de lutas
num imenso coletivo simultâneo.
Em um instante o mundo se aquieta.
E o tecer da teia das mulheres se faz ouvir.

Marília Saldanha

Porque não somos todas feministas? *Why aren't we all feminists?*

Esta indagação nos acompanhará explícita ou indiretamente ao longo de toda produção deste trabalho. Mais do que respondê-la ela será uma condutora de nossas reflexões a respeito do feminismo. Concordamos com Varela (2005) quando afirma ser o feminismo um discurso que se baseia na justiça e que é mais que uma teoria e prática política articulada por mulheres para analisar a realidade em que se encontram circunscritas. Estão incluídas aqui as discriminações que sofrem pelo simples fato de serem mulheres e a interferência que efetivam nas sociedades para transformá-las. Isto faz com que o feminismo seja também uma ética e uma forma de estar no mundo.

Esse movimento social de ampla difusão é cercado de mitologias, assim comode preconceitos e estereótipos. A palavra *feminismo* quando proferida dispara reações das mais diversas, demonstrando com isto que não há quem possa ficar imune à marca indelével deixada por seus questionamentos que se reatualizam na história da humanidade. É possível afirmar que o movimento feminista foi concebido pelas mulheres há pelo menos três séculos, se considerarmos o período da revolução francesa quando Olympe de Gouges se insurgiu e se articulou com milhares de mulheres. Essa revolucionária francesa fundou vários clubes femininos com o propósito de reivindicar a defesa da igualdade de direitos das mulheres com os homens, o acesso à educação, o direito ao divórcio e foi condenada à guilhotina por decidir fazer a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (TELES, 2006). O feminismo, portanto, não é nenhum recém-nascido e este longo tempo foi suficiente para que o movimento ganhasse corpo, sofresse muitas reformulações e se pluralizasse. As inúmeras manifestações feministas ao redor do mundo, assim como os diversos grupos de mulheres ativistas e suas bandeiras de lutas, impedem que o movimento possa ser dado como morto ou em declínio. Em entrevista, Joan Scott (GROSSI e HEILBORN, 1998) afirma que o feminismo se complexificou depois que deixou de ser uma bandeira das ciências sociais e o conceito gênero passou a apresentar dificuldades de definição.

Concebido pelas e para as mulheres, esse movimento político é uma ideologia reivindicadora que atravessa a história simulando as ondas do mar com seus avanços e recuos, novas gerações e fases, assim como, com sua "crítica persistente da modernidade" (LAGARDE, 2010, p_13) vem esculpindo as mentalidades de gênero. Embora como afirma a autora o feminismo não morda, ele é alvo de preconceitos por se

constituir numa ameaça permanente ao sistema patriarcal ainda vigente na contemporaneidade, nos seus mais variados graus e pertencimentos culturais. Também incomoda pela impertinência visto que, para o pensamento conservador, o direito das mulheres sobre suas próprias vidas nunca foi genuinamente aceito (OLIVEIRA,2003).

Se hoje as mulheres, na pluralidade de suas configurações étnico-raciais, classes sociais, geracionais e de orientação sexual se encontram contempladas pelo guarda-chuva inclusivo dos diversos feminismos, porque nem todas se autodenominam feministas? O que contribui para que as próprias mulheres, de diferentes gerações, na contemporaneidade, desconheçam e até resistam sair de um conhecimento mais superficial sobre esse movimento social emancipatório idealizado e posto em marcha para e por elas? O que está presente na construção das representações sociais que constituem os discursos que insistem na ênfase da oposição do "ser feminina" com o "ser feminista"?

Ao longo destes três últimos séculos, o feminismo se pluralizou em diversas correntes e bandeiras de lutas. Varela (2005) lista alguns exemplos tais como o sufragismo, o feminismo da igualdade ou da diferença, o eco feminismo, o feminismo institucional, o ciber feminismo. Acrescentamos ainda as intersecções do feminismo com os movimentos de luta de classes que configuram outros movimentos tais como o radical, o liberal, o socialista, o marxista e o anarquista (NARVAZ e KOLLER, 2006 [b]). Compactuamos com a ideia da autora Schmidt (2004) que considera o feminismo como uma arena, um campo teórico, uma prática interpretativa e um lugar político.

Feministas Estigmatizadas

Os muitos olhares diferenciados para o feminismo também recaem sobre as mulheres que se autodenominam e atuam como feministas. No imaginário social é comum associar feministas com mulheres dessexualizadas, lésbicas ou inimigas dos homens, assim como entender os dois últimos aspectos como sinônimos. As mulheres feministas são vistas como "mal amadas' ou incapazes de se relacionar com os homens, seja por incompetência, inimizade ou "desvio". A lista desqualificadora é extensa e ideias tais como as de que querem se vingar dos homens, fazê-los passar pelo que elas passaram; vendidas ao imperialismo; corruptas; antifemininas; chatas; masculinizadas (ou termos mais pejorativos como machas/machorras), feias e despeitadas; depravadas, promíscuas; radicais e amarguradas circulam no social. Tais concepções errôneas não passam de estereótipos socialmente difundidos e que ao serem analisados mais atentamente revelam sua função ideológica.

Podemos nos indagar: que importância tem a sexualidade das mulheres ativistas políticas? Associar suas práticas políticas com orientações sexuais consideradas desviantes pelo pensamento conservador tem um caráter nitidamente destrutivo. Crenças arraigadas embutidas nos estereótipos agem como ervas daninhas que tentam deteriorar e despotencializar os movimentos sociais perpetrados pelas mulheres e dessa forma deslegitimar suas lutas e conquistas. Visam frear as pretensões das mulheres elançar descrédito sobre elas e suas reivindicações que representam uma ameaça ao equilíbrio da ordem tradicional dos gêneros. Os estereótipos, no entanto, não são somente crenças. São atos discursivos e complexas redes de ideias que procuram igualar os membros de um certo grupo social atribuindo supostas qualidades tidas como essenciais a todos os membros ou a uma parcela deles (OLIVEIRA FILHO, 2002). Neste caso, são

explicitamente ideias que desqualificam as mulheres ativistas porque jogam com os preconceitos presentes no imaginário social. A lesbianidade, a ausência de atividade sexual ou a sexualidade promíscua seriam as supostas características negativas[4] das feministas que justificariam sua não feminilidade e suas motivações para promoverem uma "guerra entre os sexos."

A zombaria ou a ridicularização da figura da feminista ou dos seus questionamentos pode ser cunhada de *dardos antifeministas* (SALDANHA, STREY, e SCARPARO, 2012) cujo propósito consiste em anular metaforicamente as lutas. Da mesma forma, estas armas de arremesso eram utilizadas em muitas eras diferentes do passado para derrubar, no corpo a corpo, os inimigos nas frentes de batalhas. Os dardos são pequenos e hoje em dia podem ser adquiridos com facilidade em qualquer tabacaria, loja de brinquedos ou esporte. O seu poder destrutivo é análogo ao das ridicularizações sarcásticas que são lançadas verbalmente e facilmente difundidas no meio social no intuito de tontear "as inimigas" do patriarcado e perturbadoras da ideologia dominante. A autora Rago sintetiza as impressões negativas que cercam as feministas e nos faz refletir sobre a estigmatização da qual são alvo:

> a que vem a perpetuação desse estigma sobre mulheres que lutam e lutaram por outras mulheres, que se empenham pela melhoria da condição feminina, que dão visibilidade a questões radicalmente novas, que propõem outras alternativas para o pensamento e que, sem dúvida alguma, ajudam a construir um mundo novo e muito mais saudável também para os homens? (2001, p_59).

A conotação negativa que recai sobre as feministas no Brasil está fortemente associada a como o feminismo era visto pela direita e pela esquerda brasileira. De acordo com Sarti (1988) a direita entendia o movimento como perigoso e imoral enquanto a esquerda o reconhecia como um reformismo burguês. A conotação antifeminina permanece até hoje como herança desse período em que homens e mulheres, como afirma a autora, associavam, independente de suas ideologias, feminismo a uma oposição homem x mulher. A oposição feminismo x feminino repercutiu dentro dos movimentos de mulheres provocando a divisão de seus grupos com autodenominações excludentes. Fica mais fácil compreender que se o feminismo e o feminino eram vistos como pólos opostos e as lésbicas vistas como masculinizada se desinteressadas dos homens, logo o feminismo associado a elas era concebido como uma prática política que se opunha às "verdadeiras mulheres femininas".

As relações entre mulheres e homens são atravessadas pelo sexo e pela emoção, e também pela dominação masculina herdeira persistente do patriarcado. Estes elementos são complicadores potenciais da ação libertadora do feminismo que esbarra na resistência de mulheres mais impregnadas dos valores patriarcais que as mantêm ora na alienação, ora no rechaço ao movimento em si, às militantes ou ao que julgam compor o ideário feminista. Talvez o feminismo seja visto por certas mulheres como um espelho torto em que negam enxergar-se, pois ao cederem à realidade apresentada por ele se veem confrontadas a rever muitos de seus papeis e posicionamentos na vida. Um segundo passo dessa constatação seria reconhecer uma pressão interna para efetivar mudanças até radicais e difíceis de serem realizadas. Podem então, preferir rechaçá-lo a desestabilizar convicções arraigadas e junto com isso seus casamentos, orientações sexuais, tradições herdadas da família etc. Isto não significa dizer que abraçar as causas do feminismo, mesmo que parcialmente, implique em fazer uma reviravolta na vida particular ou ainda ceder a renúncias mais

[4] Estas características só são consideradas negativas pelo pensamento conservador cujo olhar se encontra impregnado de uma moralidade cristã que contribui para a desvalorização da sexualidade não hegemônica.

dramáticas. Mas a desconstrução de certas verdades e seus novos rearranjos produz juntamente com uma ampliação da consciência sobre fatos do micro e do macrocosmo social, um certo *quantum* de angústia e desconforto para os psiquismos. Por outro lado, quando se dissolvem ideias limitadoras se abre espaço para novas posturas de vida, por vezes propiciadoras de uma maior liberdade de escolha.

Porque ainda permanecem os preconceitos sobre o feminismo? Para Lagarde (2010) o feminismo enquanto uma crítica ao sistema patriarcal ameaça aqueles que se beneficiam do sistema. Além disto, concordamos com a opinião da autora de que há uma descontinuidade na transmissão do papel do feminismo na cultura ocidental. A memória fragmentada se reflete em algumas gerações como um não reconhecimento das conquistas do feminismo que são sentidas como naturalizadas.

Assim como o feminismo ainda goza de um estatuto marginal na vida acadêmica quem se associa a ele, seja pela via da pesquisa, quanto, e especialmente, pelo ativismo político, acaba sendo alvo também de preconceitos dos mais diversos. A estreita relação entre teoria e política que caracterizam este movimento parece colaborar para a persistência dos estereótipos e preconceitos sobre ele como afirmam as autoras Narvaz e Koller (2006[a]). Incorporar o feminismo como postura de vida implica em assumir uma ou mais bandeiras de lutas e dependendo da escolha, a estigmatização recai dupla ou triplamente sobre as mulheres envolvidas neste universo.

As temáticas que o feminismo abraça são várias desde a sexualidade feminina passando pelos direitos reprodutivos e sexuais, pelo aborto, saúde sexual feminina, controle de natalidade, nutrição, a maternidade, a gravidez, o parto, o corpo e as relações de poder, violências domésticas, familiares e simbólicas, a linguagem sexista na mídia, a representação das mulheres na publicidade, as diferenças de salário, os déficits nos serviços sociais, as exclusões na História, o androcentrismo nas sociedades e nas ciências, as mulheres nos espaços de poder e decisão assim como as especificidades dos grupos de mulheres negras, lésbicas, trabalhadoras urbanas e rurais, prostitutas, empresárias, produtoras culturais, educadoras populares entre outras (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000; VARELA, 2005; NARVAZ e KOLLER, 2007; PRADO, M.A.M., MAHEIRIE, K., MEDRADO, B. e CANIATO, A. 2011;NEGRÃO, T. 2011). Assim, enfatizamos os feminismos polifônicos ou multiculturais caracterizados pela variedade de vozes de mulheres que se fazem ouvir (TAVARES, COELHO e GÓIS, 2009).

O pertencimento a um grupo minoritário parece gerar desconforto para seus membros e em especial no convívio com as pessoas do grupo majoritário (MEYER, 1993). Isto talvez explique parcialmente o fato de algumas mulheres reagirem de forma defensiva ao tema feminismo e desta forma minimizarem as diferenças de poder ainda existentes entre os dois grupos. Graças às feministas que desde a fase embrionária do movimento ousaram tocar nesse tema espinhoso podemos analisar o feminismo em si e seus efeitos nas atrizes e atores deste cenário contemporâneo que se encontram diretamente ou não, envolvidas com ele. A ideia de gueto também pode estar associada aos preconceitos e estereótipos que afastam certas mulheres do feminismo. A terminologia feminista, embora carregada de um passado histórico, não é utilizada por algumas investigadoras na área científica que preferem utilizar a expressão estudos de mulheres como afirmam as autoras Tavares, Coelho e Góis (2009). Ao se proferir a palavra feminista, o impacto causado nas mentes pode ser o da "divisão do mundo" em feministas de um lado e não feministas do outro. E a pergunta subliminar a respeito do posicionamento que cada mulher assume, pode acionar angústias inomináveis. Pudemos nos aproximar mais panoramicamente dos preconceitos e estereótipos que envol-

vem o movimento feminista e suas ativistas. Com a mesma ótica examinaremos a seguir como são vistas as psicólogas que assumem uma perspectiva feminista.

Psicoterapeutas feministas

A combinação da psicologia clínica com uma perspectiva feminista também deixa à margem academicamente suas seguidoras? Como fica a imagem profissional de quem se apresenta na contemporaneidade como psicoterapeuta feminista? As psicólogas que assumem uma postura e uma linha de trabalho feminista correm o risco, conforme Saavedra e Nogueira (2006), de caírem num ostracismo, o que pode gerar um custo subjetivo elevado por significar a provável marginalização no mundo acadêmico e na sua própria área. No entanto, as mesmas autoras apontam aspectos positivos dessa adoção comprometida da psicologia. Segundo elas o ativismo feminista originou e promoveu novas estruturas dentro das associações da psicologia com um aumento substancial do número de mulheres no poder e na liderança, inclusive de psicólogas feministas nas suas instituições, departamentos e universidades. Apesar dessas figuras públicas não promoverem necessariamente as crenças feministas, as suas políticas e ações refletirão o seu compromisso.

A psicologia feminista abrange visceralmente as questões de violência contra as mulheres e por isso a escuta crítica de gênero se faz presente e necessária em parceria com as intersecções com raça, etnia, opressão de classe, sexismo e pobreza como afirmam Timm, Pereira e Gotijo (2011). Toda e qualquer mulher vivenciou em algum momento de sua vida, e aqui podemos ser generalistas e categóricas, algum tipo de violência, se não física, provavelmente verbal, psicológica, moral, patrimonial ou simbólica. Muitas vezes um elogio não é apenas um elogio e um gesto aparentemente trivial está recheado de significados misóginos que passam despercebidos nas tramas do cotidiano das relações inseridas nas sociedades androcêntricas. A multiplicidade das violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo (HIRATA, LABORIE, LE DOARÉ e SENOTIER, 2009) é grande e nem sempre evidente.

A psicologia feminista assume um posicionamento político fortemente engajado na luta a favor da emancipação feminina e contra a naturalização da violência. Esta associação da psicologia clínica com um viés feminista e um olhar amplificado para as questões sociais atua como um saber científico emancipatório. Desta forma a psicologia se associa a uma rede de enfrentamento que busca dar conta da complexidade da violência contra as mulheres e do caráter multidimensional do problema. Diversas áreas se envolvem tais como: a saúde, a educação, a segurança pública, a assistência social, a justiça, a cultura, entre outros. Assim podemos ter uma dimensão da complexidade do problema e da inserção da psicologia feminista nesse contexto. São questões centrais para o feminismo e, por conseguinte para a psicologia feminista que as mulheres são sujeitos de direitos e que a violência contra as mulheres se assenta nas desigualdades sociais (em especial, as de gênero) que estruturam a sociedade. (BRASIL, 2011)

Para enfrentar a questão da desigualdade de poder entre homens e mulheres nos núcleos familiares temos as terapias feministas de família. Partindo de uma perspectiva feminista, as autoras RAMPAGE e AVIS (1998) enfatizam que essa abordagem compreenderá a família como aquela em que seus membros se encontram comprometidos com o estímulo do potencial de todos, não considerará a experiência masculina como norma e apostará na igualdade como um ideal relacional. As psicólogas feministas que trabalham

com este paradigma trazem para o diálogo terapêutico um senso agudo das numerosas e sutis maneiras pela qual o casamento é organizado com uma relação de parceiros desiguais. Para não reforçar o sexismo implícito nas definições de família e dos papeis familiares a terapia feminista apontará os comportamentos de impotência das mulheres buscando promover seu empoderamento. Os ditames sociais que deixam as mulheres como depositárias da responsabilidade básica de principais (senão únicas) responsáveis pela família favorecem que elas sejam culpabilizadas pelos problemas apresentados pelos filhos. As terapeutas feministas visam evitar a perpetuação da prática cultural dominante de culpar as mulheres. Este movimento terapêutico posto em prática implica como afirmam Neves e Nogueira (2003) numa re-socialização das mulheres e no despertar de uma conscientização para as discriminações a que estão expostas.

As terapias feministas assumem, como afirmam as autoras Narvaz e Koller (2007) um compromisso que é inequivocamente político com a mudança social, com o empoderamento das mulheres, contra a normatização patriarcal hegemônica nas sociedades, sobretudo no que concerne às questões de gênero e de papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres e baseados em estereótipos sexistas. Esse posicionamento político, assumido pelas psicólogas feministas,vai à contramão da tradição científica positivista cujos ideais de racionalidade afastaram a emoção e a política da pesquisa e do seu objeto de estudo. As psicólogas que abraçam a epistemologia feminista e atuam de forma mais comprometida com a mudança social assumem um outro modo de fazer ciência. Um dos preconceitos que circundam o feminismo e que contribuem para a sua não legitimação ou reconhecimento é sua estreita relação com a militância feminista. As psicólogas que se autodenominam feministas expressam assim sua condição militante, o que pode deixá-las à margem da academia da mesma forma que o feminismo.

Considerações finais

Investigar os preconceitos e estereótipos que circundam o feminismo e por extensão suas ativistas e as psicólogas feministas, teve como propósito principal seguir a orientação da autora RAGO (2001) quando sugere a construção de um mundo filógino. Ao enunciar e rever alguns dos entraves que tentam obstaculizar a ação do feminismo e levantar a questão de *Porque não somos todas feministas?* se pretendeu levantar o véu que encobre os

> mecanismos sutisde desqualificação e de humilhação social que operam em nossa cultura feminina. (...) essas estratégias de aniquilamento ou de neutralização das conquistas sexuais e de destruição dos movimentos e das atitudes contestadoras da ordem masculina estabelecida devem ser evidenciadas e enunciadas a cada instante (2001, p.60).

As atitudes antifeministas adotadas por algumas mulheres chamam a atenção e se constituem num paradoxo, já que elas próprias usufruem das conquistas feministas e contribuem simultaneamente para a manutenção de um imaginário misógino. A adesão aos discursos com representações que garantem a dominação masculina e a assunção de posições reacionárias quanto à sexualidade fomentam tais atitudes. Em concordância com SOIHET (2005) cabe acrescentar que as imagens que se contrapõem ao modelo feminino tradicional e que são associadas às feministas podem colaborar para a parcela de mulheres que rejeitam sua inserção no feminismo e até chegam a combatê-lo. São essas atitudes que precisam ser questionadas e revistas.

Desvincular a imagem das feministas e da militância de conotações negativas não é tarefa para apenas um artigo, sem dúvida. Crenças arraigadas presentes nos estereótipos amplamente difundidos há décadas não se evaporam facilmente. Trazê-los para discussão, no entanto, pode contribuir para sua deslegitimação, gradual que seja.

A aproximação da psicologia com o feminismo pode afetar profundamente o trabalho e o pensar das(os) psicoterapeutas, assim como de um outro modo de fazer ciência. Este texto não se propôs a examinar esta questão, mas sublinhou o comprometimento da psicologia feminista com uma intervenção menos neutra do que a da psicologia tradicional. Os efeitos deste comprometimento, sim, podem se constituir na marginalização da psicóloga feminista do mundo acadêmico que ainda resiste se feminizar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres (PR) (SPM).**Rede de enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Coleção: Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011.

GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Estudos feministas**. v. 6 n 1. p.114-124,1998.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ Hélène e SENOTIER Danièle (orgs).**Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: editora UNESP, 2009.

LAGARDE, Marcela. Jornal diário. IPS Brasil de fato. 10 a 12 de set, 2010.

MEYER, Joan. Pensamento feminista e psicologia social. In: GERGEN, Mary. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.** Edunb Editora Universidade de Brasília. Editora Rosa dos Ventos p. 129-147, 1993.

NARVAZ, Martha G. eKOLLER, Silvia Helena.(a)Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades as sujeitadas. **Revista Psico**. v. 37, n. 1, p. 7-13, 2006.

_____.(b) Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, setembro e dezembro, 2006.

NARVAZ, Martha G.E KOLLER, Silvia Helena. Feminismo e Terapia: a terapia feminista da família – por uma psicologia comprometida. **Psicologia Clínica**, 19 v.2, p.117-131, 2007.

NEGRÃO, Télia. Metodologias feministas, pedagogias para o empoderamento. In: **As metodologias feministas: experiência da Escola Lilás de direitos humanos.** Coletivo Feminino Plural. p. 9,14,2011.

NEVES, Sofia e NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. **Psicologia e sociedade** 15 v.2, p. 43-64, 2003.

OLIVEIRA FILHO, Pedro de. A justificação da desigualdade em discursos sobre a posição social do negro. **Psicologia Política**. v 2 n 4 p. 267-295,2002.

DE OLIVEIRA, Rosiska D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PRADO, Marco Aurélio M., MAHEIRIE, Kátia, MEDRADO, Benedito e CANIATO, Angela. Nas trilhas de um pensamento complexo sobre relações de gênero e a psicologia social no cotidiano: homenagem para Karin Ellen Von Smigay. **Psicologia & sociedade**, 23 v.1 p. 201-203, 2011.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. **São Paulo em perspectiva**, 15 v. 3, p. 58-66, 2001.

RAMPAGE, Cheryl e AVIS, Judith. Identidade Sexual, Feminismo e Terapia Familiar. In:ELKAIM, M. (org.) **Panorama das Terapias Familiares**. São Paulo: Summus, p. 199-202, 1998.

SAAVEDRA, Luisa. e NOGUEIRA, Conceição. Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. **Memorandum**, 11, p.113-127. http://repositorium.sdum.uminhopt, 2006.

SALDANHA, Marília; STREY Marlene; SCARPARO, Helena. **Dardos antifeministas: preconceitos e estereótipos em debate.** Trabalho apresentado no VII Simpósio Brasileiro de Psicologia Política em São Francisco de Paula/RS na UERGS. 15 a18 de nov. de 2012.

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cad Pesquisa**. São Paulo 64 p. 38-47, 1988.

SCHMIDT, Simone P. Como e porque somos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (N.E) p. 17-22, 2004.

SCHUMAHER, Schuma e VITAL BRAZIL, Érico. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13 v.3, p. 591-611, 2005.

TAVARES, Manuela; COELHO, Manuela e GÓIS, Salomé. **O debate epistemológico nos estudos feministas. Seminário interdisciplinar Gênero e Ciências Sociais.** 4 e 5 de Dezembro de 2009 – Instituto Superior da Maia, 2009.

TELES, Maria Amelia de A. **O que são direitos humanos das mulheres**. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TIMM, Flávia B.; PEREIRA, Ondina P.e GONTIJO, Daniela C. Psicologia, Violência contra Mulheres e Feminismo: em defesa de uma clínica política. **Psicologia política**. v. 11. n. 22. p. 247-259. Jul-dez, 2011

VARELA, Nuria. **Feminismo para principiantes**. Ediciones B. Barcelona, 2005.